**O COMÉRCIO NA PEQUENA CIDADE: A RELAÇÃO ENTRE CARIRÉ-VARJOTA  
NO CEARÁ****TRADE IN THE SMALL CITY: THE RELATIONSHIP BETWEEN CARIRÉ-  
VARJOTA IN CEARÁ****EL COMERCIO EN LA PEQUEÑA CIUDAD: LA RELACIÓN ENTRE CARIRÉ-  
VARJOTA EN EL CEARÁ**Antônio Veiga Rodrigues<sup>1</sup>Telma Sales Bessa<sup>2</sup>Glauciana Alves Teles<sup>3</sup>**RESUMO:**

O objetivo deste estudo foi compreender os motivos que levam alguns consumidores do município de Cariré (CE) a se deslocar para Varjota, em busca de produtos diversificados, para isso utilizou-se das narrativas e oralidades de alguns entrevistados. O comércio de Varjota tem se tornado destaque nas últimas décadas pelo recente surgimento do "atacarejo" local e do comércio atacadista, que atrai consumidores de outros municípios, tornando-se uma "cidade alternativa" para Sobral, a principal cidade do noroeste do Ceará. Para isso, usaremos a história oral como a principal metodologia, em busca da subjetividade dos consumidores.

**Palavras-chave:** Cidade pequena; Comércio; Consumidores; Cidade alternativa.

**ABSTRACT:**

The objective of this article is to understand the reasons that lead some consumers of the municipality of Cariré (CE) to move to Varjota, in search of diversified products, for which the narratives and oralities of some interviewees were used. Varjota's trade has become prominent in recent decades by the recent emergence of local "atacarejo" and retail trade, which attracts consumers from other municipalities, becoming an "alternative city" for Sobral, the main city in northwestern Ceará. For this, oral history was used as the main methodology, in search of the subjectivity of the consumers.

**Keywords:** Small city; Trade; Consumers; Alternative City.

**RESUMEN:**

El objetivo de este artículo es comprender las razones por las cuales algunos consumidores en el municipio de Cariré (CE) tienen que ir a Varjota, en busca de productos diversificados, para ello se utilizaron las narrativas y oralidades de algunos entrevistados. El comercio de Varjota se ha destacado en las últimas décadas debido al reciente surgimiento del "atacarejo" local y del comercio mayorista, que atrae a consumidores de otros municipios, convirtiéndose en una "ciudad alternativa" para Sobral, la principal ciudad del noroeste cearense. Para ello, se utilizó la historia oral como la principal metodología, en busca de la subjetividad de los consumidores.

**Palabras clave:** ciudad pequeña; comercio; los consumidores; ciudad alternativa.

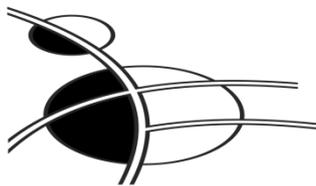
**INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia, pelo Programa de Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (MAG/UVA). E-mail: [antonio.veiga96@gmail.com]

<sup>2</sup> Profa. Adjunta do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú do Mestrado Acadêmico em Geografia (MAG/UVA).

<sup>3</sup> Doutora em Geografia Humana, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora Adjunta do curso de Geografia, e do Programa de Mestrado Acadêmico em Geografia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (MAG/UVA) – Sobral/CE. E-mail [glauciana@hotmail.com]



O setor terciário vem se tornando a principal fonte de economia de pequenas cidades brasileiras, onde alguns sujeitos ou atores veem no comércio e na prestação de serviços, oportunidades de gerar lucro e renda, através do comércio especializado de um algum produto ou atividade, atraindo a demanda de consumidores antes não presente.

No entanto, a partir da inserção destas pequenas cidades na rede urbana, elas passaram a ter dinâmicas socioespaciais com maior complexidade atreladas à modernização das técnicas, do próprio espaço através dos agentes sociais, assim como de alterações nos padrões de consumo; elas começaram a desempenhar novos papéis, onde deixaram de serem apenas cidades influenciadas e dependentes de outros centros maiores, e passaram a ser locais de importância dentro de sua rede urbana ou região.

Essa especialização de bens e serviços causada muitas vezes por uma refuncionalização (CORRÊA, 1999), sobretudo das atividades comerciais, tornaram-se vitrines para uma adaptação ao modo de produção capitalista e até mesmo o espaço urbano destas cidades de pequeno porte começaram a assemelham-se aos centros urbanos maiores, tornando-as lugares de modernização que sugere sua inserção no mundo globalizado, onde o local e o global estão em desencontros até nos lugares mais distantes. A reprodução do modo de produção capitalista e essa assimilação têm tornando-se evidentes no espaço urbano desses pequenos centros, muitas vezes estimulada pela elite e os governos locais em parcerias com outras instâncias do governo estadual e/ou nacional, na tentativa de modernização da urbe.

Mas, qual é o contexto histórico e social dessa modernização de suas atividades comerciais e do espaço urbano? Quem fez ou faz essas transformações? São essas indagações que nos fazem refletir sobre as reestruturações produtivas destas pequenas cidades. Os agentes sociais, que também podem ser sujeitos locais, começam a intervir no espaço urbano e transformam-nas em locais de reprodução do modo de vida das grandes cidades.

Essas indagações fazem surgir novas inquietações sobre a produção do espaço e as dinâmicas da reestruturação urbana das pequenas cidades, pois elas estão passando por transformações aceleradas que as colocam em um novo patamar, deixando de serem cidades onde há uma predominância do modo de vida rural, onde o tradicional marca presença, para cidades com relevante interesse do capital financeiro, seja local ou não e acabam cada vez mais perdendo seus significados. É tais inquietações que fazem das cidades pequenas tão difíceis de serem analisadas, assim como, distintas entre si, cada uma possuindo diferenças e peculiaridades de acordo com a região onde estão inseridas (LEÃO, 2010).

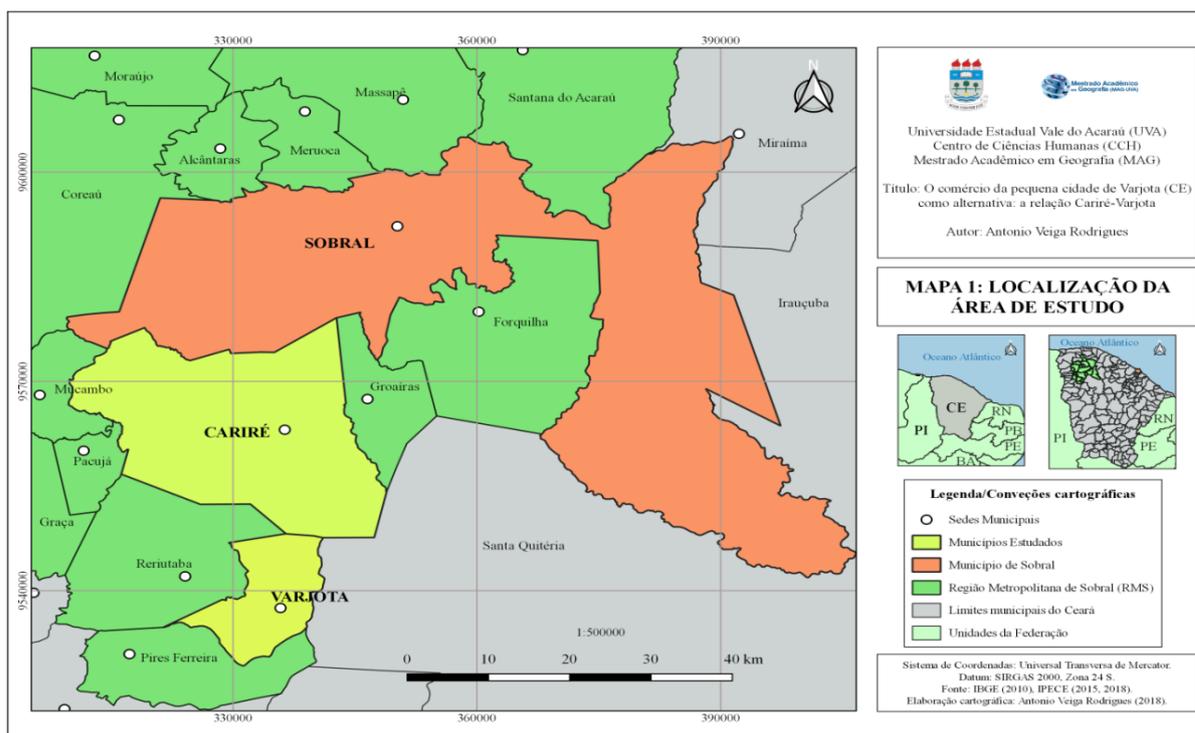
Esse pensamento é pertinente, pois as pequenas cidades do Norte e Nordeste brasileiro possuem diferenças com outras pequenas cidades do Sudeste e Sul, por exemplo, tanto na



questão econômica como na qualidade de vida, consumo, etc.. Diante disso, as pequenas cidades nordestinas, que inclusive, também possuem diferenças entre si, são locais onde há uma predominância de disparidades sociais, econômicas, culturais acentuadas, que podem variar pela presença de centros polarizadores em suas regiões.

Portanto, diante do exposto, procuramos analisar o papel de destaque do comércio da cidade de Varjota, localizada no Noroeste do Ceará, fazendo parte da recém estabelecida Região Metropolitana de Sobral (RMS) <sup>4</sup>. Varjota, nas últimas décadas, tem sido destaque por seu comércio varejista dinâmico e diversificado com a presença de supermercados e similares, e estabelecimentos especializados em materiais de construção, assim como recentemente, pelo desenvolvimento do comércio atacadista, sendo uma das poucas cidades da RM Sobral que possui disponibilidade de tal setor, tornando-se alternativa – até mesmo à Sobral – para diversos consumidores e pequenos comerciantes de diversas cidades limítrofes, no quesito de distribuição de produtos diversificados.

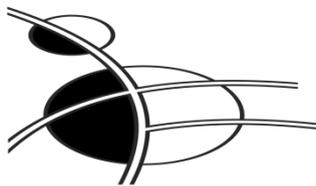
Figura 1: Mapa de localização dos municípios de Cariré e Varjota, Ceará.



Fonte: Base cartográfica - IBGE. Elaboração: Antônio Veiga Rodrigues (2018).

Portanto, procurou-se analisar o papel em evidência do comércio varjotense na sua relação com o município de Cariré, mais especificamente com localidades rurais do interior.

<sup>4</sup> Foi constituída mediante aprovação da Lei Complementar estadual nº 168, de 27 de dezembro de 2016, de autoria do então deputado Ivo Gomes. Foi listada oficialmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em maio de 2017.



Em observações anteriores, notamos que há uma quantidade razoável de moradores dessa região de Cariré que se deslocam semanalmente para Varjota, seja para a tradicional feira-livre como pelos supermercados, em busca de preços mais baratos, de uma maior oferta de produtos alimentícios e dentre outros serviços, que não são ofertados na cidade de Cariré ou que são, mas com preços mais elevados. Evidenciamos a utilização da metodologia da história oral para refletir sobre a subjetividade e particularidades dos consumidores.

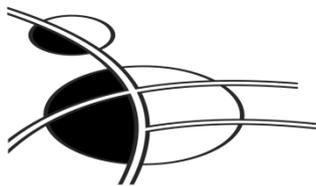
Segundo Fortunato e Ruscheinsky (2004), a história oral pode ser utilizada para desvendar os diversos fatores que atuam no espaço urbano através das oralidades de sujeitos diversos. A subjetividade é importante, pois através dela somos capazes de entender os motivos pelos quais a dinâmica urbana pode ser desvendada, não apenas através das modificações do espaço, mas através de vivências íntimas ou coletivas. Portanto, estamos aqui buscando utilizar a história oral como tentativa de analisar a perspectiva de consumidores em relação ao comércio.

O texto está dividido da seguinte maneira: em um primeiro momento discutimos o conceito de cidades pequenas, um dos temas centrais neste artigo, posteriormente apresentamos a metodologia da história oral. Em sequência são apresentadas considerações sobre o comércio de Varjota e suas dinâmicas, para uma melhor demonstração do objeto de estudo. E finalmente, somos levados às narrativas e oralidades das personagens ouvidas.

Essas dinâmicas sócio-espaciais atreladas ao comércio existentes entre Cariré e Varjota e suas novas funcionalidades na rede urbana, são elementos principais de um projeto dissertativo realizado pelo autor, no Programa de Mestrado Acadêmico em Geografia (MAG), da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral – CE. Portanto, trazemos resultados parciais de uma pesquisa fundada em referências bibliográficas de autores que conduzem pesquisas sobre os novos papéis e funcionalidades de pequenas cidades no Brasil.

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CIDADES PEQUENAS**

Existem diversas tentativas de conceituar a cidade pequena, sendo parte delas por meios quantitativos. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) define uma cidade pequena como àquela que possui uma população inferior a 100 mil habitantes, ou seja, toda cidade que não dispõe desse número, é considerada uma cidade pequena. Porém, há outros órgãos governamentais como o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que considera apenas os municípios com menos de 50 mil habitantes estariam dentro do quantitativo necessário para serem assim classificadas, semelhante à visão de Corrêa (1999).



Por várias décadas houve uma negligência nos estudos da pequena cidade, onde havia preferência pelas cidades médias que vinham obtendo crescimentos econômicos que despertavam o interesse dos geógrafos que estudavam as cidades sob a perspectiva da geografia urbana, além das grandes. Todavia, apenas a partir da década de 1990 que se pode observar um aumento significativo no interesse das cidades pequenas como objetos de estudos centrais de pesquisas científicas, remetendo a sua importância como locus de dinâmicas diferenciadas das demais cidades que compõem a hierarquia urbana, observando a mudança dos diferentes papéis e especialidades que algumas delas passaram a possuir na rede urbana.

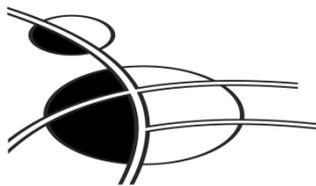
Segundo a estimativa do IBGE (2017), dos 5.570 municípios brasileiros, 4.904 deles possuíam população total inferior a 50 mil habitantes, portanto, sendo consideradas cidades pequenas. Esse quantitativo demonstra que elas são maioria na rede urbana e que abrigam significativa parte da população brasileira (ENDLICH, 2009), mas que possuem peculiaridades diferenciadas, apesar de também serem semelhantes em alguns aspectos.

No entanto, apenas o critério quantitativista não é o bastante para realizar uma análise completa das pequenas cidades e isso pode induzir ao erro. Segundo Fresca (2010, p. 76):

Utilizando-se este caminho para caracterizar uma cidade como sendo pequena, incorre-se no risco de igualar cidades que na sua essência são diferentes. Em outras palavras, o número de habitantes como variável utilizada resultará em considerar cidades com populações similares como sendo pequenas, mas não levará em conta as especificidades de cada uma delas. Não permitirá que se entenda as diferentes inserções de cada núcleo urbano nas redes ou região, impedindo que se entenda seus papéis, suas áreas de influência, suas integrações internas e externas às redes, dentre outros aspectos fundamentais para a consideração de uma cidade como sendo pequena.

Segundo Santos (1989), a classificação existente em muitos países e órgãos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU), classifica as pequenas cidades como aquelas que possuem até 20 mil habitantes, havendo variações de acordo com cada nação. Já no Brasil, tais critérios são adotados por interesses político-administrativos e econômicos, onde todas as sedes municipais são consideradas cidades (LEÃO, 2010), sendo por essa razão que exista esse grande quantitativo de cidades pequenas no território brasileiro.

Porém, existem outras propostas teórico-metodológicas propostas para classificar as cidades pequenas com base em critérios como funcionalidades urbanas e regionais, realidades socioeconômicas como Santos (1989) e Corrêa (1999), dentre outros, que discutem a abordagem quantitativista dos órgãos brasileiros.



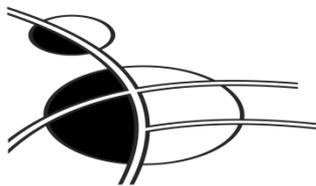
As relações socioespaciais existentes nessas cidades de pequeno porte são elemento necessário para estudá-las, assim como suas relações com outras cidades do entorno e a disponibilidade de oferta de bens e serviços dentro de sua área urbana, sua oferta de empregos, de serviços administrativos, etc.. Leão (2010) citando Sousa (2003) diz que o autor destaca que para uma localidade ser considerada uma cidade esta tem que estar dotada de certa centralidade econômica e política. O que acaba indo contrário à política adotada no país que adota critérios mais elitistas que necessariamente por sua importância econômica local, apesar de que está havendo significativas mudanças em relação a isso.

A relação entre o urbano e o rural também pode ser considerada parâmetro para haver tal discussão. Em muitas cidades, que ainda estão passando pelo processo de urbanização, não há um limite entre o espaço rural e urbano (Santos, 1989), sendo estas *locus* de (des)encontros entre o urbano e o rural, possuindo características presentes nos dois.

Santos (1982, p. 72) discutindo sobre as pequenas cidades levanta o conceito de cidades locais que seriam: “a dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir a atividade primária para servir às necessidades inadiáveis da população, com verdadeira especialização do espaço”. Todas as demais cidades que são “refêns” da atividade primária seriam denominadas pelo autor de pseudocidades. No entanto, tal classificação torna-se difícil para se trabalhar com a realidade das pequenas cidades, pois acabam igualando cidades que na sua essência são diferentes (FRESCA, 1990; 2010; GOMES; ASSIS, 2008).

Ainda vendo por um lado quantitativo podemos citar o exemplo da publicação da Região de Influência das Cidades (REGIC), pesquisa realizada no ano de 2007 e publicada em 2008, pelo IBGE, que reunia dados estatísticos a respeito da centralidade das cidades brasileiras. Esse estudo é bastante importante, pois serve parâmetro de discussão a respeito do papel central dos principais núcleos urbanos brasileiros. A respeito das cidades pequenas, dentro desse estudo são denominados de centros locais, seriam, no máximo, classificadas como centros de zona, sendo estas um “nível formado por 192 cidades de menor porte e com atuação restrita à sua área imediata; exercem funções de gestão complementar” (REGIC, 2008), sendo subdivididas em centros de zona de nível A e B. E o restante das demais cidades que não são classificadas em níveis superiores e nem intermediárias na rede urbana, sendo denominadas de centros locais, sendo que dentro deste grupo estão 4.473 cidades que possuem uma população abaixo dos 10 mil habitantes, onde sua centralidade não excede os limites municipais.

Todavia, vale ressaltar que o REGIC 2007 (2008) está defasado, pois muitas das cidades que foram estudadas passaram por transformações socioeconômicas e que possam ter,



na atualidade, classificações diferentes. Portanto, cabe a pesquisadores buscar novos meios teórico-metodológicos de classificação e/ou atualizar os já existentes compreendendo as relações com maior complexidade dentro do espaço urbano destas pequenas cidades, que acabam inserindo-as dentro da rede urbana (CORRÊA, 1999).

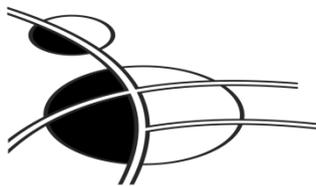
As cidades pequenas passam por reestruturações produtivas, por dinâmicas sócio-espaciais diferenciadas, por novas dinâmicas econômicas e políticas que fazem delas palco de diversas alterações de seus papéis na rede urbana e conseqüentemente mudam suas funções dentro da rede urbana local e regional. Existem muitas cidades pequenas que possuem a oferta de bens e serviços mais complexos que acabam tornando-se cidades com certa centralidade dentro de um espaço microrregional. Esse é apenas um exemplo da complexidade das funções e papéis de pequenas cidades, levando em conta a rede urbana brasileira.

O comércio destas cidades é um ponto que se pode analisar, pois dependendo de sua complexidade e disponibilidade, pode-se perceber se esta torna-se um local de interesse para determinados indivíduos. Portanto utilizaremos a seguinte afirmação para buscar no comércio, o papel diferenciado do nosso objeto de estudo: “entendemos que a análise do comércio permite uma melhor compreensão do espaço urbano, na medida em que o comércio e a cidade são elementos indissociáveis” (PINTAUDI, 2002, p. 144).

## **METODOLOGIA**

Para a realização desta pesquisa foi preciso analisar a importância do comércio para alguns consumidores do município de Cariré, mais precisamente da localidade de Santo Antônio, localizada ao sul do referido município. Para isso, demos enfoque nas narrativas pessoais e nas oralidades, pois nota-se a importância da necessidade de ouvir os habitantes na medida em que estes são os principais “atingidos” pela oferta do comércio varjotense. Suas narrativas foram essenciais, pois assim, podemos compreender os motivos pelos quais os moradores dessa localidade deixam de buscar bens de consumo em seu município de origem e deslocam-se até Varjota.

Para isso, analisamos a narrativa de duas mulheres dessa localidade. A escolha delas se devem ao fato de serem de diferentes ideias, faixas-etárias, pensamentos, retratados inclusive nas entrevistas. As duas personagens ouvidas são extremos de dois lados: diferenças na forma de adquirir os produtos desejados, dentre outros. Em um primeiro momento, procuramos abdicar de escolher apenas duas pessoas para serem ouvidas em um universo de cerca cem habitantes da localidade, mas prendemo-nos as diferenças e igualdades entre elas.



Portanto, antes de qualquer pré-conceito, procuramos analisar, tendo como base as narrativas e oralidades das duas, quais são as causas, as possíveis consequências da procura de bens de consumo na cidade de Varjota, para isso, utilizamos a metodologia da história oral.

Essa metodologia foi creditada para a realização desse estudo, pois apenas desta forma, poder-se-ia adentrar na subjetividade dos entrevistados. As narrativas foram realizadas em suas residências, em seus espaços pessoais para um maior conforto diante do receio de serem entrevistadas e gravadas, ou que suas falas fossem interpretadas de formas diferentes, ou ainda o medo do “não saber falar”. Em referência a isso, Portelli (1997, p. 31) diz que:

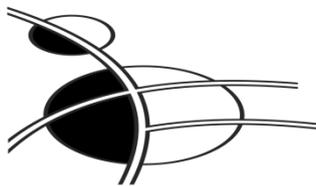
A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta como menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas.

Portanto, diferentemente de uma entrevista realizada por outros profissionais e acadêmicos que se utilizam dessa técnica, a história oral não é baseada na simples entrevista, onde perguntas são jogadas para o entrevistado e este responde de maneira mecânica.

O seu diferencial está aí: a profundidade da relação formada entre o entrevistador e o entrevistado, torna a narrativa diferente da simples entrevista (PORTELLI, 1997). No momento em que há essa ligação, o entrevistado sente-se capaz de dar voz ao pensamento, à memória, às lembranças passadas, que apesar de passadas, estão presentes em seu presente.

Algo bastante discutido entre os pesquisadores que utilizam a história oral como base de seus trabalhos acadêmicos diz respeito à sua aceitação no meio. Discutindo sobre isso, Joutard (2000) nos dá o exemplo de que os arquivos escritos podem ter sua veracidade discutida, pois nem sempre retratam exatamente a realidade vivida e nos dá o exemplo de uma ata de uma assembleia, pois esse documento nem sempre vai revelar exatamente o que aconteceu. Complementando, o autor direciona seu pensamento para as formas que outros pesquisadores acadêmicos utilizam-se da metodologia.

No próprio campo dos universitários e arquivistas há a história oral das ciências políticas, de um lado, para quem a fonte oral é complemento dos documentos escritos, especialmente interessada em interrogar os atores - antigamente, os principais, agora, e cada vez mais, também os atores medianos e da base. De outro lado, a história oral antropológica. A segunda tem amplo domínio e influenciou a primeira, seja pelas conversas com os homens e mulheres do campo, seja pelo tipo de assunto. Há também o caso particular daqueles que procuram recolher a tradição oral, quer dizer, não a memória pessoal da testemunha, mas aquilo que lhe foi transmitido. (JOUTARD, 2000, p. 37).



Na ciência geográfica, apesar da insistência nas pesquisas positivistas, a história oral pode vir servir de base para adentrar em outros meios de pesquisa que não seja a simples aplicação de questionários. Semelhante a Joutard (2000), Portelli (1997, p. 32), diz que:

Fontes orais são aceitáveis, mas com uma credibilidade diferente. A importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso não há “falsas” fontes orais.

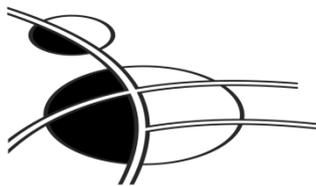
Levando em consideração as palavras de Portelli (1997) e o exemplo de Joutard (2000), nos deparamos com uma metodologia não exclusiva da ciência História, mas de qualquer autor que se dispunha de imergir em um mundo totalmente diferenciado das narrativas monótonas. A história oral nos permite ir além de uma entrevista e mostrar o lado oposto do fato conhecido, para dar espaço aos excluídos, aos que não são ouvidos, por muitas das vezes o lado ouvido é o da classe dominante (PORTELLI, 1997; JOUTARD, 2000). A subjetividade é a base da história oral, onde ela é realizada.

Portanto, é nesse pensamento que realizamos nosso estudo. Temos por base, as narrativas de duas mulheres que são agricultoras, mães, donas de casa, trabalhadoras. São elas, Lucineide B., de 61 anos, e Rosana R., de 31. São trinta anos de diferença de idade, mas de histórias de vida parecidas. As duas são moradoras da localidade de Santo Antônio, próximo à divisa entre os municípios de Cariré e Varjota.

Thomson (2000, p. 50), diz que é preciso ter cuidado com as diferenças culturais e econômicas dos entrevistados para não haver uma homogeneização dos fatos.

É igualmente necessário que o historiador oral esteja atento às nuances culturais quando realiza entrevistas dentro de sua própria sociedade, que dificilmente será culturalmente homogênea. Os entrevistadores precisam ter sensibilidade para com os padrões de relacionamento e comunicação de subculturas definidas por gênero, classe, raça e etnia, região, sexualidade, deficiências e idade.

Diante disso, devemos salientar que não foram esquecidas as fontes bibliográficas rotineiras da pesquisa acadêmica tradicional. Dados estatísticos de fontes governamentais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Instituto de Pesquisa e Estratégica Econômica do Ceará (IPECE) e o Instituto de Estratégia Econômica Aplicada (IPEA), para assim elaborar alguns dados e elementos cartográficos que colaboram em demonstrar a localização dos fatos no espaço geográfico.



Além disso, foram buscados artigos, monografias, e livros que dispunham de informações sobre os municípios de Varjota e Cariré e que discutem o conceito de cidades pequenas na perspectiva da geografia urbana, não esquecendo a formação acadêmica do presente autor. A saber: Assis e Araújo (2009), Assis, Gomes e Araújo (2007), Gomes e Assis (2010), Silva e Holanda (2008), além de Medeiros (2000).

### **AS DINÂMICAS COMERCIAIS DE VARJOTA**

O município de Varjota (Imagem 1) está localizado no Noroeste do Ceará, fazendo parte da recém estabelecida Região Metropolitana de Sobral (RMS) (Imagem 1). Sendo limítrofe com Cariré, ao norte, Pires Ferreira, ao Sul, Reriutaba, ao oeste, e Santa Quitéria ao leste. Possui uma população total de 18.239 habitantes (IBGE, 2017) em uma área de 183 km<sup>2</sup>, possuindo uma densidade demográfica de 98, 07 hab/km<sup>2</sup>. Possui uma taxa de urbanização de 81,94%, sendo que a sede municipal que conta com uma população de 13.515 habitantes (IBGE, 2010), sendo um dos municípios mais urbanizados do Ceará presentes no interior do estado. Varjota está situado em duas grandes unidades geoambientais: a Planície fluvial do rio Acaraú, principal rio presente no seu território, e pela Depressão Sertaneja. Tem como principais fontes de seu Produto Interno Bruto (PIB), o setor de serviços (76,84%), Agropecuária (18,11%) e Indústria (5,06%).

Varjota, segundo a história oficial do município<sup>5</sup>, nasceu da ocupação de algumas famílias que povoaram às margens do rio Acaraú. A pequena aglomeração deve-se ao Padre Macário Bezerra, da Paróquia de Ipu, que possuiu uma fazenda no local. Posteriormente foi construída uma capela sob a égide de Nossa Senhora Sant'Ana, entre os anos de 1834 e 1840. Em 1937, com apenas alguns aglomerados de residências, o local já era chamado de Vila Varjota.

O local obteve um crescimento significativo depois de iniciadas a construção do Açude Paulo Sarasate, mais conhecido por Araras. O açude foi construído por ações do Departamento Nacional de Obras contra a Seca (DENOCS), no ano de 1950, tendo sido finalizado em 1954. Durante esse período, houve um aumento significativo da população, do até então distrito de Varjota, pertencente ao município de Reriutaba, pois houve uma migração de trabalhadores que vieram para procurar trabalho nas obras e onde passaram a residir no local. Conseguiu sua emancipação política de Reriutaba somente em 1985.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/varjota/historico>

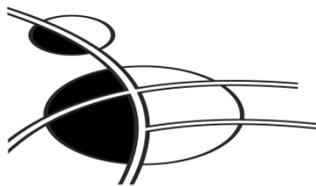


Figura 2: Trabalhadores na construção do Açude Paulo Sarasate.

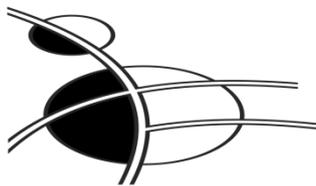


Fonte: Livro Varjotararas, p. 56.

No entanto, foi ainda no período da construção do açude Araras que, o até então distrito de Varjota, começou a ter um aumento de sua estrutura urbana, começando a contar com seus primeiros aparatos administrativos, os primeiros comércios e de serviços básicos, além disso, obteve certo desenvolvimento local em virtude das rendas oriundas do Estado e dos funcionários públicos (ASSIS, ARAÚJO, 2009). É indiscutível que a construção do açude Araras foi uma das causas principais para o desenvolvimento da cidade que vem se desenvolvendo continuamente, e atualmente outros serviços como o comércio, é responsável pelo seu dinamismo.

A cidade logo obteve um reconhecimento de destaque na região, primeiro por ser o local onde ocorreu a construção do então maior açude da região Nordeste, e por seu crescimento populacional decorrido da chegada dos trabalhadores que se fixaram na localidade. Logo, sua feira-livre começava a chamar atenção por sua variedade, disponibilidades de frutos e demais produtos oriundos de diversas localidades da região, sendo destaque a piscicultura desenvolvida no Açude Araras. Sobre o comércio de Varjota, no período, Assis e Araújo (2009, *online*) dizem que:

[...] o fluxo populacional e a venda de peixe fresco e salgado na feira livre também contribuíram para o aparecimento de novas unidades comerciais como as mercearias, as padarias e o mercado público. O peixe passou a ser um produto característico da feira de Varjota que, começava na sexta-feira e findava no domingo, atraindo consumidores de toda a região. Pequenos agricultores e criadores também vendiam seus produtos na feira livre, a qual passou a crescer e a diversificar a oferta de produtos com artesanatos, vestuários, etc.



Os autores ainda reiteram que:

A feira que antes se restringia ao interior do mercado público cresceu e se expandiu pelas ruas da área central do distrito, constituindo-se na principal forma de comércio de Varjota que já demarcava a sua centralidade em relação às outras localidades circunvizinhas. (ASSIS; ARAÚJO, 2009, *online*).

Nos dias atuais, o principal ponto comercial tradicional da cidade ainda se situa no centro comercial e adjacências, no bairro Centro (Piçarreira). É nele que se encontram as principais lojas de móveis, os bancos, as farmácias, os supermercados, enfim, os principais estabelecimentos comerciais. No entanto, é válido destacar que as distribuidoras de produtos possuem estabelecimentos e sedes em outros bairros da cidade, assim como há uma expansão da atividade comercial para outros bairros como Ararinhas, Caixa D'água, por exemplo.

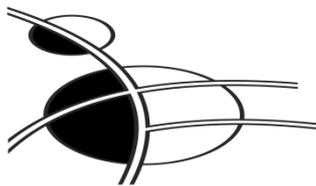
Assis e Araújo (2009) consideram que a centralidade da feira livre de Varjota a tornava um subcentro regional, considerando toda a sua importância para feirantes e habitantes de municípios limítrofes e do Planalto da Ibiapaba. Portanto, Varjota torna-se um centro urbano de forte dinâmica comercial a ponto de centralizar alguns municípios de seu entorno. Dada a sua importância do seu comércio forte e dinâmico, a cidade obteve destaque, como já mencionado.

Atualmente, segundo dados do IPECE (2017), Varjota possui três estabelecimentos que possuem disponibilidade do atacado, sendo: duas distribuidoras comerciais que conseguem expandir seus negócios para além do nível local chegando ao regional; e, mais recentemente, o Supermercado Benoar que traz venda no atacado e varejo, na lógica do atacarejo<sup>6</sup>, superando os limites municipais. Destaca-se ainda as empresas de material de construção e de móveis em geral que também possuem destaque nas atividades comerciais da cidade. Os negócios são de empresários locais que possuíram visão mercadológica no papel de destaque e construíram seus negócios para que pudessem oferecer serviços a um preço razoável e assim podendo servir de alternativas ao comércio sobralense, principal do Noroeste do Ceará.

Segundo os dados do Instituto de Pesquisa e Estratégica do Ceará (IPECE, 2016), há apenas oito, dos dezoito municípios que fazem parte da Região Metropolitana de Sobral (RMS), que contam com a presença do comércio atacadista, sendo as demais possuindo níveis distintos de dependência da cidade média de Sobral, no quesito de abastecimento de seus

---

<sup>6</sup> Como o próprio nome já diz, são estabelecimentos comerciais que vendem produtos tanto no varejo (consumidor final) quanto no atacado (distribuição de produtos). Utiliza-se dos conceitos *self-service* (autosserviço) e *cash & carry* (pague e leve).



comércios locais. Notamos, inclusive, a falta de trabalhos acadêmicos em relação à pesquisa da presença de atacados em cidades pequenas, onde a presença desse tipo de estabelecimento segue às tendências das grandes empresas nacionais e internas do ramo, por exemplo, supermercadista. Deve-se salientar também, que algumas cidades apresentam pequenos estabelecimentos atacadistas que apenas conseguem abastecer os pequenos comércios tradicionais locais, não possuindo um alcance intermunicipal, por exemplo.

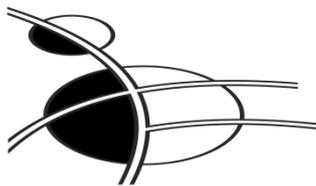
Os dados ainda mostram a diversificação do comércio na Região Metropolitana de Sobral, onde apenas duas cidades possuem estabelecimentos que reparação de objetos pessoais, de bens de consumo ou automóveis. A cidade de Sobral, com cinco estabelecimentos da categoria, e Varjota com dois, sendo os destaques na categoria.

No quesito do comércio varejista, aquele que tem como finalidade a venda de produtos diversos ao consumidor final, portanto sendo o mais comum, Varjota possui 472 estabelecimentos comerciais, sendo o terceiro em número de comércios da Região Metropolitana de Sobral (RMS), sendo superado por Sobral e Massapê, os municípios com os maiores quantitativos populacionais, assim como os maiores mercados consumidores.

O comércio varjotense mostra seu papel de destaque na geração de empregos formais. Segundo dados do Ministério do Trabalho (2016), havia cento e oitenta e oito pessoas com empregos formais, no município, relacionado à atividade comercial, sendo o segundo em número de gente ocupada, sendo superado apenas pela administração pública (1.575), e estando a frente dos seguintes: serviços (131), indústria de transformação (86), construção civil (6) e agropecuária (2).

Nesse trabalho, daremos um enfoque nos supermercados, pois notamos sua importância para a dinamização da economia urbana e desenvolvimento local, pois nota-se a presença de estabelecimentos comerciais que disponibilizam a oferta tanto do comércio varejista como do atacadista, havendo uma maior dinâmica tanto na oferta de bens para consumidores finais quanto para revenda de produtos, sendo popularmente conhecidos por “atacarejos”. Diferentemente dos empreendimentos do tipo atacarejo de empresas nacionais e internacionais, os presentes na cidade são de empreendedores locais, o que enfatiza seus papéis na transformação do comércio varjotense, assim como o papel de destaque do comércio local frente aos demais municípios que não dispunham de tal serviço.

No ramo dos supermercados e similares temos o Benoar (imagem 3) como principal varejo da cidade de Varjota. Anteriormente, ficava localizado no Centro comercial da cidade, mas foi deslocado para uma área nas proximidades devido à ampliação de sua estrutura física,



para atender o crescimento da demanda de consumidores, disponibilizando também vendas no atacado, aderindo ao chamado atacarejo.

No momento, esse estabelecimento comercial é o maior e mais equipado tecnicamente, ofertando tanto um comércio varejista de alimentos, que consegue suprir as necessidades dos consumidores locais e de outros municípios, assim como é fonte de abastecimento de outros pequenos comércios da região. Todavia, ainda é comum o deslocamento até Sobral em busca do comércio especializado dessa cidade média, principalmente para indivíduos com maior poder aquisitivo.

Figura 3: Supermercado Benoar, em Varjota.



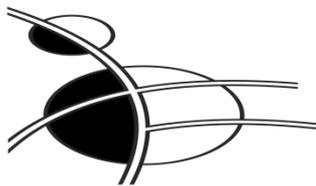
**Fonte:** Reprodução Facebook - Página Atacarejo Supermercado Benoar, 2018.

Podemos observar na imagem que o estabelecimento possui uma estrutura de pequeno porte se comparados a outros estabelecimentos comerciais da cidade média de Sobral. No entanto, é imponente se comparados aos demais supermercados e mercearias disponíveis na cidade.

Portanto, nota-se que a importância do comércio varjotense para os consumidores de outros municípios como Cariré. A seguir, irá se discutir a relação comercial entre os dois municípios, analisando a importância desses estabelecimentos para alguns consumidores da localidade de Santo Antônio, município de Cariré, através das narrativas dessas personagens.

### **RELAÇÃO COMERCIAL ENTRE CARIRÉ E VARJOTA, SOB AS NARRATIVAS DE CONSUMIDORES**

As dinâmicas socioespaciais atreladas à procura por bens e serviços são de interesse de estudo da ciência geográfica, em especial da geografia urbana e econômica, por demonstrar os



fluxos para determinados locais seletivos e especializados, além de contribuir para uma visão mais específica das alterações nos padrões de consumo, assim como da dinâmica relacionada à procura de oferta em distantes de centros médios e grandes, que, anteriormente, eram as únicas opções mais baratas e diversas para os consumidores, tanto os de maior e menor poder aquisitivo. As disparidades socioeconômicas eram motivos de ressalvas por parte de diferentes áreas de pesquisa.

Nas últimas décadas, a cidade de Varjota, como já mencionado, vem ganhando destaque no cenário regional por seu comércio em pleno desenvolvimento, onde consegue centralizar alguns municípios limítrofes, em um primeiro momento por sua feira-livre, e, mais recentemente, pela oferta de supermercados que disponibilizam, tanto vendas no varejo como no atacado, o chamado “atacarejo”, aumentando as possibilidades de compra de consumidores de diferentes poder aquisitivo.

Um dos municípios é Cariré, mais precisamente as áreas rurais da porção sul de seu território, em que as sedes municipais tanto de Cariré quanto de Varjota possuem distâncias semelhantes. A distância, inclusive, foi um dos fatores, que, segundo Assis, Araújo e Gomes (2007), contribuíram para o desenvolvimento comercial, pois ficava distante cerca de 80km da cidade média de Sobral, principal centro comercial e cidade que polariza cerca de cinquenta municípios da região Noroeste do Ceará (HOLANDA, 2000).

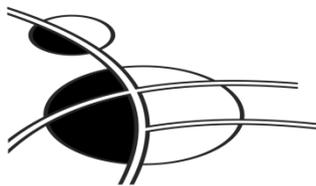
A distância também foi reforçada durante nossa entrevista<sup>7</sup> com Lucineide e Rosana, ambas moradoras da localidade rural de Santo Antônio<sup>8</sup>, onde elas narraram o porquê de não ir cotidianamente à cidade de Sobral e os motivos para que preferissem ir à Varjota:

**Lucineide:** A gente não vai [à Sobral] por que fica mais caro. Aí, quando aparece uma oportunidade da gente ir, um conhecido num carro aí a gente compra. Em atacado. Mas de ir cretadinho comprar lá não adianta não. Mas é bom de a gente ir numa viagem e compra um mercantil [mercadorias] bom. Gosto muito de Sobral. Sempre já fui. Até o Açai [rede de supermercados] já fiz umas compras lá e gostei. Gostei muito. A gente foi lá pra rodoviária aí eu disse ‘vamos lá no Açai’, por que eu nunca tinha ido lá. Aí eu fui lá e gostei. Aí meu menino tava com dinheiro e compremos umas coisas mais em conta. Por que tem uns produtos que a gente comprando de mais quantidade fica mais barato. Fica uma coisa mais econômica. Aí eu gosto de mais, aí eu disse ‘meu filho vamos comprar’, aí meu filho disso que ‘de 6... como é que chama?...

---

<sup>7</sup> As entrevistas foram transcritas da mesma forma em que foram faladas, pois notamos que, se adaptássemos à norma cultura da língua portuguesa, estaríamos indo contrário à metodologia da história oral.

<sup>8</sup> É uma pequena comunidade rural localizada nas proximidades dos limites municipais de Cariré com Varjota e Reriutaba. Possui, aproximadamente, uma população composta por 80 famílias.



**Antonio Veiga:** Unidades.

**Lucineide:** Unidades, fica melhor do que comprar só de um. Então vamos comprar de seis, aí eu comprei. Gostei muito. Durou muito viu. Muito bom o atacadão. Mas é quando dá certo pra gente ir. Nem sempre é pra gente que não tem esses dinheiro muito, mas não adianta a gente ir cretadinho comprar as coisas em Sobral, não. Pra ir também nessas vans não adianta. Só se tiver um carro, daí dá. Do jeito que a gasolina tá cara, quem vai com isso? Compra mesmo em Varjota, né!? E também aqui não falta nada aqui. Tem os camelôs, a gente querendo comprar a gente compra. Só que eu não vou com isso, por que camelô é muito caro também, coisa a prestação, eu não gosto de comprar a prestação. Fico sem comprar, mas não gosto de comprar coisas à prestação. Se o meu dinheiro der eu faço é comprar a vista, comprei e pronto, pago. (Entrevista concedida no dia 07/06/2018, em sua residência).

**Antonio Veiga:** E você não vê Sobral como uma opção mais barata que Varjota?

**Rosana:** Sim, vejo. Mas o problema é... A questão é não ter transporte particular para ir comprar lá. Tem que ter transporte ou ir de topique, e tem a dificuldade para trazer até o “ponto das topiques”, que é bastante longe. Não tem como. Aí é melhor Varjota mesmo. Por que é mais perto, tem mais facilidade de vir. Os mercados são pertos da pista. Por isso a melhor opção, pra mim, é Varjota. (Entrevista concedida no dia 05/06/2018, em sua residência).

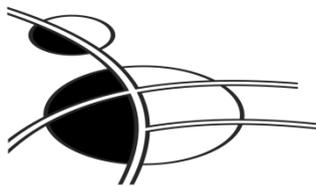
O custo da distância é um dos fatores que mais fazem com que os consumidores com menor poder aquisitivo não se desloquem rotineiramente a Sobral. O preço médio das passagens entre transporte alternativo (as topiques) e o deslocamento na cidade (os moto táxis) não sairia por menos que trinta reais. Ou seja, para diversos consumidores que não possuem uma fonte de renda que os faça ter um poder de consumo maior, procurem alternativas mais acessíveis, em que a distância seja menor, e o preço dos produtos sejam semelhantes e/ou na maior parte dos casos mais baratos.

Quando o assunto se direciona à oferta de produtos na cidade de Cariré, as duas entrevistadas são categóricas e diretas:

**Lucineide:** Eu vou falar a verdade: gosto mais de Varjota!

**Antonio Veiga:** Por quê?

**Lucineide:** Porque Varjota é muito bom, me sinto muito bem, tem um atendimento muito bom e muitas opções. Muitos supermercados. Então tem onde a gente procurar o melhor, escolher o produto que a gente quer. Eu gosto de comprar lá, em Varjota. Cariré, lá a gente fica sem, vou falar a verdade mesmo, não tenho vontade comprar lá. Às vezes, a gente vai pra Cariré, que é o nosso município, né, as vezes a gente ia tirar um dinheiro, procurar um dinheiro, às vezes, nem tem, a gente logo se zanga e vai logo pra Varjota. Por que lá na Varjota tem em qualquer lugar. Nas farmácias e noutras coisas lá a gente tira dinheiro. Em Cariré, quando a gente tira o dinheiro, vai procurar uma mercadoria, a gente não encontra e se encontra é mais caro. A gente não se sente bem. Eu sou uma, não me sinto bem em comprar as coisas em Cariré não.



**Antonio Veiga:** Por quê?

**Lucineide:** Porque eu acho que o atendimento não tem, não tem o que a gente quer, a qualidade também do [produto]... Eu acho assim mais diferente. Pouco, muito pouco também. Pouco comércio tem em Cariré.

**Antonio Veiga:** Você sempre fez compras em Varjota ou já fez em Cariré também?

**Lucineide:** Eu... assim... de certo tempo, no começo quando eu tirava o bolsa família, às vezes, eu comprava mesmo em Cariré. É pra economizar o dinheiro, a gente tira o dinheiro lá, é o nosso município, não dava pra tirar em outro lugar. Mas agora, compro pouca coisa em Cariré. Nem sei o preço das coisas em cariré. Agora em Varjota eu conheço mercantil, conheço as farmácias, tem muita opção tem muita farmácia. Eu gosto de Varjota.

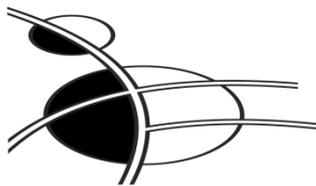
**Antonio Veiga:** Onde você compra lá?

**Lucineide:** Eu compro no Benoar, no MaxFul, gosto muito do MaxFul, que é o Airton, tem a Farmácia Pague Menos, que o preço é mais barato. Eu gosto de comprar lá, comprar os medicamentos é a farmácia mais barata né. Lá nessa farmácia do Pague Menos e tem outras farmácias lá também, que eu gosto de comprar. Tem o mercado, tem muita opção lá da carne e no Benoar, eu gosto também do frango, é barato e lá eu compro muito bem um frango de 20 reais. Eu gosto, é bom! O benoar é um mercado bom. (Entrevista concedida no dia 07/06/2018, em sua residência).

**Rosana:** por que é o lugar mais barato que encontro pra comprar. Lá tem vários preços e é melhor que Cariré, em questão de preço, por que Cariré tem... em Varjota tem mais opção de mercados e lá em Cariré tem pouco mercado, porém muito caro. Não compensa a gente comprar lá. Por isso minha escolha é Varjota. (Entrevista concedida no dia 05/06/2018, em sua residência).

A crise do comércio na cidade de Cariré é uma realidade estudada por autores como, por exemplo, Gomes e Assis (2008), e Medeiros (2000) – analisando a partir da quebra produtiva do algodão – que constataram que a dependência comercial de Sobral se deve também a esse fato. A presença da maioria dos estabelecimentos comerciais ainda apresenta certa tradicionalidade, apesar de a modernidade estar presente. A recente revitalização do Mercado Público Municipal da cidade parece ser uma tentativa de trazer novamente a valorização do Centro comercial e demonstrar uma essência de modernização. No entanto, já existe em alguns bairros, como o Açude Novo, Campo de Aviação e Fórum, estabelecimentos comerciais semelhantes e/ou que superam alguns do centro, mostrando um processo de descentralização das atividades comerciais na cidade (GOMES; ASSIS, 2008), (SILVA; HOLANDA, 2009).

Essa situação foi bem observada por uma das entrevistadas relatando as “novidades” presentes nos bairros Açude Novo e do Fórum:



**Lucineide:** Tu acredita, pra falar a verdade, a minha menina tá tirando a habilitação lá, que é lá pra banda do Açude Novo, é assim que chama?

**Antonio Veiga:** Sim!

**Lucineide:** Menino, ela disse que ‘nossa, o Cariré... O Centro está se desvalorizando’, por que ela tava lá procurando comida e achou um mercantil por lá a sete reais e um prato cheio. Gostou mesmo. Pão... Padaria vendo uns bolo enorme mesmo de 5,50 [reais], trouxe um bolo gostoso pra casa. Muito bom por lá. Ou seja, já fora da cidade lá. Bem avançado. Lá pra banda do Fórum já tem colégio. Tá muito bom pra aquele lado. Só o Centro mesmo que tá daquele jeito. Não sei o que tá acontecendo com o centro de Cariré. E é assim mesmo. Cariré melhorou um pouco pra cá depois que fizeram uns prédios, umas casas bem bonitinhas. Tá bem bonito por lá. (Entrevista concedida em 07/06/2018, em sua residência).

As narrativas das duas entrevistadas nos põem em uma perspectiva de carência comercial na cidade de Cariré, assim como pesquisas anteriores demonstraram, além de fatores como distância e opções de escolha de supermercados e outros estabelecimentos semelhantes, além dos preços, como os principais fatores dos motivos por quais realizam compras na cidade de Varjota. Demonstrando assim que, apesar de que a cidade média de Sobral seja uma cidade com comércio especializado, e os dois municípios estejam presentes na Região Metropolitana de Sobral (RMS), sendo influenciados diretamente por ela, os problemas financeiros seja um dos motivos reais para que Varjota seja uma alternativa mais viável à Sobral, para consumidores de menor poder aquisitivo como observamos a seguir:

**Lucineide:** Nem sempre é pra gente que não tem esses dinheiro muito, mas não adianta a gente ir cretadinho comprar as coisas em Sobral, não. Pra ir também nessas vans não adianta. Só se tiver um carro, daí dá. Do jeito que a gasolina tá cara, quem vai com isso? Compra mesmo em Varjota, né!? (Entrevista realizada no dia 07/06/2018, em sua residência).

Observamos nas narrativas, as duas entrevistadas possuem preferências pelo comércio de varjota e são até mesmo categóricas nas conversas. Isso não é exclusividade das duas, pois são rotineiros esses deslocamentos semanais em busca do comércio varjotense. E, não apenas nas localidades próximas à divisa entre os dois municípios, mas também do distrito de Tapuio, por exemplo, onde há transportes que levam moradores semanalmente às tradicionais feiras-livres no domingo, mostrando que há uma relação comercial íntima entre essas localidades e Varjota.



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As cidades pequenas acabam por possuir diferentes papéis de acordo com as distintas realidades da rede urbana. Algumas delas acabam por torna-se “cidades alternativas” ao comércio de centros urbanos maiores e mais especializados em uma determinada região, alcançando um *status* de destaque entre as outras de tamanho similar.

Nesta perspectiva, podemos considerar que Varjota possui tais características para ser uma “cidade alternativa” ao comércio de Sobral para determinados indivíduos de diferentes classes sociais. Esses moradores das zonas rurais preferem consumir na cidade de Varjota à necessariamente na própria sede de seus municípios, entre os quesitos estão as ofertas mais baratas e a disponibilidade de opções de estabelecimentos.

A utilização da história oral foi decisiva para a realização deste trabalho. Foi uma experiência diferenciada, pois é minha primeira inserção nesta metodologia dentro da ciência geográfica. Porém, mesmo com todas as adversidades, tentamos colocar as narrativas para que pudéssemos ter um entendimento da realidade de muitos moradores da área estudada, que apesar de todos não terem sido ouvidos, mas possuem casos semelhantes das duas entrevistadas.

Finalizamos com uma explicação referente que, o presente trabalho, não tem como perspectiva realizar um estudo quantitativo para demonstrar a saída de habitantes de Cariré para Varjota e nem na produção de dados, tabelas e gráficos. Pretendeu-se ouvir apenas duas moradoras de Santo Antônio, pois necessitávamos entender seus motivos pessoais através de suas experiências íntimas uma das metodologias estudadas.

### **FONTES ORAIS:**

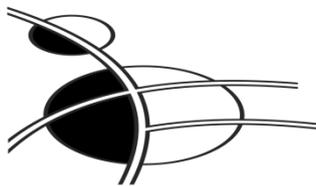
Entrevista com **Lucineide Brito**, em sua residência, na localidade Santo Antônio, Cariré – CE, em 07/06/2018.

Entrevista com **Rosana Rodrigues**, em sua residência, na localidade de Santo Antônio, Cariré – CE, em 06/06/2018.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ASSIS, Lenilton Francisco de; ARAÚJO, Francinelda Ferreira. A centralidade do comércio na pequena cidade nordestina: o caso da feira-livre de Varjota (Ceará/Brasil). **Scripta Nova** (Online), Barcelona (Espanha), v. 8, n. 294, jul. 2009. (Sem paginação).

ASSIS, Lenilton Francisco de; ARAÚJO, Francinelda Ferreira; GOMES, Maria Ferreira. A terceirização da cidade média de Sobral e suas influências no comércio das cidades pequenas



de Cariré e Varjota – CE. **Revista Casa da Geografia de Sobral** (RCGS), Sobral, v. 8/9, n. 1, p. 123-140, 2006/2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, jan/jun. 1999.

ENDLICH, Ângela Maria; ROCHA, Márcio Mendes (Orgs). **Pequenas cidades e desenvolvimento local**. Maringá: PGE, 2009.

GOMES, Maria Ferreira; ASSIS, Lenilton Francisco. A dinâmica e a crise do comércio na cidade pequena de Cariré (CE). **Revista Geografar**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 13-33, jul./dez. 2008.

HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de. **Dinâmica sócio-espacial de uma cidade média – Sobral/CE**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2000. 123 f.

FARIAS, Gilmara Rejane. **Varjotararas**. Sobral: Sobral Gráfica, 2010.

FORTUNATO, Elizabeth; RUSCHEINSKY, Aloísio. A história oral na pesquisa social sobre o espaço urbano. **Biblos**, Rio Grande, v. 16, p. 25-36, 2004.

FRESCA, Tânia Maria. **A dinâmica funcional da rede urbana do Oeste Paulista**: Estudo de casos: Osvaldo Cruz e Inúbia Paulista. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1990. 298 f.

FRESCA, Tânia Maria. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. **Mercator**. Fortaleza, v. 9, n. 20, 2010. p. 75-81.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de Influências das Cidades 2007 – REGIC**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

IPECE, Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Perfil Municipal Básico de Varjota (2017)**. Disponível em: [http://www.ipece.ce.gov.br/perfil\\_basico\\_municipal/2017/Varjota.pdf](http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2017/Varjota.pdf) Acesso: 25/05/2018.

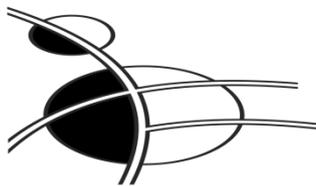
JOUTARD, Philippe. Desafios da história oral no século XXI. In: **Desafios da história oral no século XXI**. FERREIRA, Maneta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. (Orgs). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000. P. 31-45.

LEÃO, Carla de Souza. Reflexões sobre o desenvolvimento e as pequenas cidades: análise das cidades de Dracena e Ouro Verde – SP. **Caderno Prudentino de Geografia** (Online), Presidente Prudente, v. 1, n. 32, jan/jun. 2010. P. 135-153.

MEDEIROS, Maria Auxiliadora de. **A quebra do sistema produtivo do semiárido: o caso de Cariré**. Monografia (Graduação em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral, 2000. 98 f.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade** (ensaios). 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. **Manual da Geografia Urbana**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.



SILVA, Antonia Ivone Farias; HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de. Um estudo dos circuitos da economia urbana na cidade de Cariré – CE. **Revista Homem, Espaço e Tempo** (RHET), Sobral, v. 3, n. 1, mar/2009, p. 52-71.

PINTAUDI, Silvana Maria. A cidade e as formas do comércio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2002. P. 143-158.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução por Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 14, fev., 1997. P. 25-39.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: **Desafios da história oral no século XXI**. FERREIRA, Maneta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. (Orgs). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa Oswaldo Cruz/CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000. P. 47-65.